



RESSECADAS, AFOGADAS

Vozes de comunidades pobres sobre a mudança no clima

Relatório 2012

Warren Allott/Tearfund

Ao redor do mundo, as pessoas mais pobres estão sofrendo os efeitos mais duros da mudança climática. A agência cristã de desenvolvimento e assistência em situações de desastres Tearfund perguntou-lhes como o aquecimento global mudou sua vida, que problemas elas enfrentam agora e, o mais importante, que ação elas esperam dos líderes mundiais para ajudá-las a se adaptarem. Estas são as suas histórias.

"Há mudanças climáticas em nosso país como um todo: encurtamento nos ciclos de cultivo em regiões secas; perda de safras por alagamento; perda de biodiversidade animal; incêndios em florestas que vão se tornando mais secas."

Marcelino Lima, Diaconia, Brasil

Em 2005, perguntamos às nossas organizações parceiras que trabalham com comunidades pobres ao redor do mundo sobre a sua experiência em termos de mudança climática, se o clima estava mudando e, se este fosse o caso, como ele estava afetando a vida das pessoas.

O resultado foi o primeiro relatório *Ressecadas, Afogadas*. O relatório mostrou que as comunidades mais pobres do mundo já estavam sofrendo os efeitos da mudança climática e afirmou ser necessária uma ação internacional séria nesta área para ajudá-las.

Isto foi há sete anos. Assim, perguntamos novamente como estão indo as coisas e o que mudou.

As notícias não são boas. Comunidades na África, na Ásia e na América Latina estão sofrendo uma mudança climática pior e mais dramática do que em 2005. As mudanças que começaram naquela época estão muito mais intensas agora.

O ciclo vicioso de enchentes e secas agora se tornou normal, reduzindo a capacidade das pessoas de se sustentarem e submetendo muitas à pobreza. Crianças deixam de ir à escola; pessoas passam fome; famílias têm de se separar para encontrar trabalho; colheitas freqüentemente são arruinadas.

Um número estimado de 325 milhões de pessoas são gravemente afetadas pela mudança climática a cada ano, e mais de 300.000 morrem.¹

A previsão é de que o número de pessoas afetadas pela mudança climática dobre dentro de 20 anos.¹

Nos últimos sete anos, os líderes mundiais continuaram se encontrando para discutir a mudança climática. Porém, este relatório mostra que encontros não são o suficiente. A mensagem das comunidades pobres com que falamos é sempre a mesma: "Precisamos de ação agora."

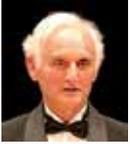
Porém há esperança. Ainda há tempo para agir. As comunidades locais do mundo em desenvolvimento querem se adaptar à mudança climática: as circunstâncias as estão forçando a isto. Elas querem permanecer nas terras que habitam há gerações e conhecem intimamente, mas precisam que os seus próprios governos e a comunidade internacional as ajudem a alcançar isto. Caso contrário, o seu futuro, na melhor das hipóteses, será incerto.

tearfund

¹ Fórum Humanitário Global (2009) *Human impact report: climate change. The anatomy of a silent crisis.*

Preâmbulo, escrito por Sir John Houghton CBE

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) foi formado em 1988 como um órgão das Nações Unidas, e teve o privilégio de ser ou o presidente ou o co-presidente das suas avaliações científicas até 2002.



O nosso trabalho era avaliar a mudança climática provocada pelo ser humano e escrever relatórios detalhados sobre o que sabíamos e o que não sabíamos. Nesta tarefa, envolvemos centenas dos melhores cientistas climáticos do mundo, provenientes de vários países.

Iniciamos sem nenhum plano pré-concebido e formamos grupos de redação nos quais discutimos por muito tempo todos os dados e o que eles significavam. O nosso trabalho foi avaliado por outros cientistas e por governos, e os nossos resumos finais foram acordados, frase por frase, em encontros intergovernamentais muito rigorosos.

Portanto, as evidências científicas conforme apresentadas pelo IPCC são de alta fiabilidade. Os impactos da mudança climática ao longo das futuras décadas provavelmente serão extremamente graves para o mundo, e deveríamos estar fazendo muito mais para reduzirmos estes impactos do que estamos fazendo atualmente.

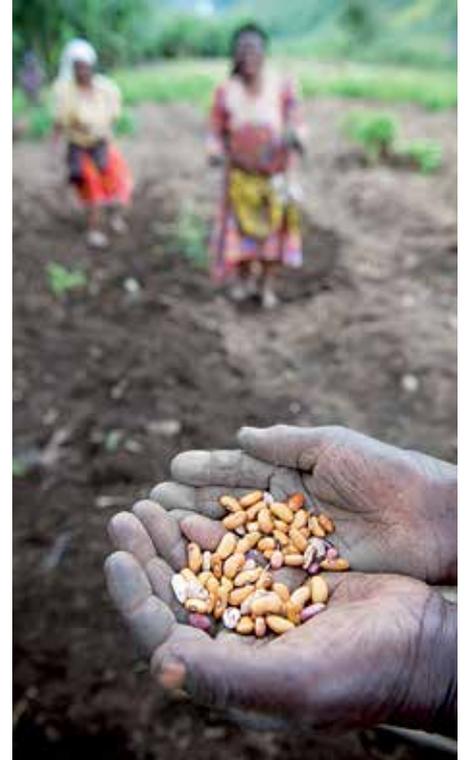
Geoff Crawford/Tearfund



Sabemos o que fazer, mas parecemos não ter a determinação para fazê-lo. As nações mais ricas do mundo beneficiaram-se extremamente durante muitas décadas de energia barata proveniente do carvão, do petróleo e do gás, sem perceberem os danos que se seguiriam ou reconhecerem que estes teriam um efeito desproporcional sobre as pessoas mais pobres do mundo.

Este novo relatório da Tearfund permite que as pessoas que sofrem o maior impacto da mudança climática se manifestem por si próprias. Suas palavras mostram que as comunidades mais pobres e vulneráveis já estão sofrendo os impactos da mudança climática na sua vida e nos seus meios de sobrevivência e que outros impactos potencialmente devastadores já são inevitáveis.

Temos uma breve oportunidade para agirmos a fim de garantir um futuro que evite mudanças climáticas futuras muito graves e provavelmente irreversíveis. Peça-lhes que usem este novo e importante relatório para exigir a ação robusta dos governos, das empresas e dos indivíduos que é tão urgentemente necessária.



Richard Hanson/Tearfund

Vozes da América Latina

Perspectivas latino-americanas do Brasil, de Honduras, do México e do Peru



Paul Brigham/Tearfund

“Há mudanças climáticas em nosso país como um todo... Tanto os indicadores populares como os científicos evidenciam as mudanças no tempo, que se caracterizam por encurtamento nos ciclos de cultivo em regiões secas; perda de safras por alagamento; perda de biodiversidade animal; incêndios em florestas que vão se tornando mais secas, entre outros.”

Marcelino Lima, Diaconia, Brasil

Mudança dos padrões meteorológicos

Por todo o continente, os parceiros da Tearfund informaram mudanças significativas nos padrões meteorológicos. As estações tradicionais conhecidas foram substituídas por novos padrões meteorológicos desconhecidos e inesperados.

As antigas estações de chuvas agora são secas, e chove nas estações secas, com graves efeitos adversos para a agricultura e a segurança alimentar. As enchentes freqüentemente seguem-se às secas.

➤ O que está acontecendo hoje no México:

“Nos últimos anos, as comunidades têm passado por um intenso aumento na temperatura e secas. Em algumas regiões, não chove há dois anos.”

Eugenio Araiza, Amextra

◀ E em 2005:

“Nos últimos anos, registramos resultados extraordinários em termos de dias mais frios

e mais quentes. Por exemplo, no Vale do México, tivemos temperaturas que variavam entre -6°C e até 34°C. A média anual seria de 22°C.”

Eugenio Araiza, Amextra

➤ O que está acontecendo hoje em Honduras:

“As estações mudaram mais do que se poderia imaginar. Os agricultores estão esperando pela estação seca para plantar certos tipos de alimentos, e não há estação seca: tem chovido bastante. E, então, quando eles esperam uma estação de chuvas, ela não vem: continua seco.”

Oswaldo Munguía, Mopawi

◀ E em 2005:

“Nos últimos cinco anos, a precipitação tem sido variável. Antigamente, as chuvas caíam durante seis meses do ano (junho-dezembro). Agora, as chuvas vêm todas juntas de uma só vez, causando enchentes e secas.”

Carlos Augusto, Organismo Cristiano de Desarrollo Integral de Honduras

“Algumas regiões da América Latina sofrerão uma precipitação maior; haverá um aumento no risco de enchentes e secas associadas aos eventos El Niño em muitas regiões diferentes.” (O El Niño é responsável por uma grande parte da variabilidade climática nas escalas interanuais da América Latina.) IPCC²

O impacto da mudança do tempo

O aumento na temperatura e a queda resultante na precipitação atingiram duramente a agricultura. De acordo com Eugenio Araiza, da Amextra, uma ex-parceira da Tearfund sediada no México, calcula-se que cerca de 3,4 milhões de toneladas de milho foram perdidas devido à seca. Uma região perdeu 70 por cento da sua safra. Além disso, cerca de 40 milhões de vacas morreram em consequência da falta de água, causando séria insegurança alimentar.

Devido à falta de chuva, as culturas que crescem são freqüentemente atrofiadas e pobres.

Os rios também estão secando, portanto os peixes estão morrendo, e as pessoas, suas terras e seus animais são gravemente afetados. *“No México, as pessoas estão gastando até 30 por cento da sua renda mensal (até US\$70) comprando água doce,”* diz Araiza. *“Todo o dinheiro que elas possuem está concentrado na sobrevivência,”* acrescenta ele.

“Em algumas regiões latino-americanas, o aquecimento global mudará consideravelmente a disponibilidade de água doce: estimativas da disponibilidade no México e na América Central indicam que cerca de 70 por cento das suas populações estarão vivendo em áreas de baixo abastecimento de água já no primeiro quarto do século XXI.” IPCC³

➤ O que está acontecendo hoje no Peru:

“O solo está esquentando, o que está arruinando as culturas. As culturas crescem rapidamente ao sol, mas, sem água, elas murcham e morrem. As pessoas estão comendo menos e não podem armazenar alimentos.”

Victoria Diaz, Shalom

◀ E em 2005:

“O crescimento das culturas é afetado pela irregularidade das chuvas e, freqüentemente, pelas chuvas de granizo, que as danificam, de maneira que elas não atingem o grau ideal de crescimento esperado.”

Victoria Diaz, Shalom

➤ O que está acontecendo hoje em Honduras:

“Os rios estão ficando mais secos, os riachos estão secando, e as pessoas estão usando cada vez mais fertilizantes químicos: isto polui os rios e os recursos hídricos. Portanto, a água é um grande problema.”

Oswaldo Munguía, Mopawi

◀ E em 2005:

“Várias comunidades instalaram um sistema de água potável. Agora, elas pararam de usá-lo porque a água está extremamente escassa. Há um índice de mortalidade mais alto nessas comunidades, além do fato de que as famílias estão indo embora da área.”

Carlos Augusto, Organismo Cristiano de Desarrollo Integral de Honduras

² IPCC (1997) *The regional impacts of climate change: an assessment of vulnerability. Summary for policymakers*, Relatório Especial do IPCC, on-line em www.ipcc.ch

³ Ibidem



Layton Thompson/Tearfund

Vivendo com a mudança do tempo

“A água estagnada está ficando contaminada,” diz Victoria Diaz, da Shalom, “e tornando-se perigosa para os animais e as crianças. A cada ano, há mais crianças morrendo de doenças pulmonares causadas por mudanças drásticas de temperatura. E, sem água limpa, elas também sofrem de parasitas.”

O deslocamento está se tornando um problema no Peru, pois os homens, em particular, vão para as cidades em busca de trabalho. Muitos não voltam, causando um colapso na vida familiar.

“Eles sempre viveram dos recursos naturais, mas, agora, os homens vão procurar trabalho nas cidades e deixam as mulheres e os filhos para trás.”

Victoria Diaz, Shalom, Peru

Isto está tendo repercussões, pois as famílias mandam meninas de até oito anos para o serviço doméstico.

Enquanto isto, em Honduras, há informações de que o crime, especialmente o roubo, está aumentando.

“A segurança é um grande problema por todo o nosso país. É comum ouvir as pessoas comentando como antigamente se podia andar nas ruas com confiança, mesmo durante a noite. E, agora, nem mesmo de dia as pessoas se sentem seguras para sair na rua.”

Oswaldo Munguía, Mopawi, Honduras

Por toda a região, as pessoas querem se adaptar, especialmente os povos indígenas. Porém, o desmatamento está tornando a adaptação muito mais difícil.

Os agricultores estão alterando os seus padrões de cultivo, usando culturas diferentes, abrindo poços para o seu gado e, em algumas áreas, plantando árvores. Porém, estes planos de ação são limitados.

Marcelino Lima, da Diaconia, no Brasil, diz: *“O agravamento das secas no semi-árido brasileiro fragiliza a produção de alimentos para as famílias rurais.”*

E, no Peru, Neri Gómez, da parceira da Tearfund Paz y Esperanza, informa que a insegurança alimentar *“é um problema que está ficando cada vez pior. As comunidades dependem de três culturas para sua alimentação básica: batata, trigo e cevada. Estas culturas são gravemente afetadas pela mudança climática. Assim, as famílias estão sobrevivendo principalmente de batatas e tendem a escolher a opção mais barata, para alimentar as suas famílias, mas não a mais nutritiva.”*

Tanto no Peru quanto no Brasil, as comunidades dizem que simplesmente é a falta de conhecimento que as está impedindo de se adaptarem à mudança climática. Porém, no Brasil, a parceira da Tearfund Diaconia informou: *“A adaptação às mudanças climáticas, em nossa compreensão, depende não somente de recursos das pessoas, mas também e*

principalmente de recursos de governos ou programas governamentais, bem como da cooperação internacional.”

Enfrentando o futuro

Então, o que é necessário para ajudar as comunidades locais a enfrentar estas perspectivas sombrias? De acordo com a parceira da Tearfund Amextra, no México, a resposta é a educação e o apoio das ONGs e do governo.

“Uma característica comum das pessoas que vivem na pobreza ao redor do mundo é a resistência,” diz Eugenio Araiza, da Amextra. “Elas enfrentaram grandes traumas, injustiças e abuso no passado. Isto desenvolveu sua resiliência, e elas acreditam que sobreviverão a qualquer coisa.”

As comunidades são fortes e estão lutando, mas a situação está cada vez mais complicada, e as comunidades não compreendem necessariamente tudo sobre ela. Elas precisam que as organizações e os seus governos fiquem ao seu lado e as ajudem a encontrar soluções.”

“A previsão é de que a estação seca se torne mais longa e mais intensa em muitas partes da América Latina. Os aumentos na temperatura previstos reduzirão a produção agrícola na região por encurtarem o ciclo de cultivo.” IPCC⁴

Vozes da África

Perspectivas africanas do Burkina Faso, da Etiópia, do Quênia, do Malauí, de Mali, de Moçambique, do Níger, de Ruanda e do Zimbábue

“Os impactos da mudança climática estão causando mais pobreza. Por causa da drástica redução na utilização das colheitas, as comunidades não têm alimentos suficientes. Elas acabam vendendo os seus bens por pouco dinheiro. Quando você não pode cultivar legumes como costumava, a sua nutrição é afetada.”

Victor Mughogho, Eagles, Malauí

Mudança dos padrões meteorológicos

Por toda a África, os padrões meteorológicos estão mudando dramaticamente. As temperaturas estão subindo. Tanto as inundações quanto as secas são comuns, muitas vezes, um evento anual. As estações tradicionais estão desaparecendo, e, com elas, certezas anteriores sobre quando plantar e, até mesmo, o que plantar.

Cinquenta anos atrás, as secas afetavam principalmente o Sahel, o Chifre da África e o sul da África. Agora elas se espalharam por todo o continente. Como resultado, até o final desta década, prevê-se que entre 75 e 220 milhões de pessoas na África estejam enfrentando uma grave escassez de água.⁵

▶ O que está acontecendo hoje na Etiópia:

“Durante séculos, a Etiópia foi considerada o reservatório de água dos países vizinhos devido ao potencial hídrico que possuía. Porém, o volume de muitos rios tem diminuído. Agora, as reincidências de secas aumentaram, tornando-se quase um fenômeno anual.”

Tesfaye Legesse, Ethiopian Mulu Wengel Amagnoch Church Developmental Organization

◀ E em 2005:

“Devido à seca em muitas partes do país, a produção agrícola está diminuindo anualmente, especialmente no sul da Etiópia. Isto é observado principalmente na área de Boricha, no sul da Etiópia, onde 20.000, 30.000, 38.000 e 60.000 pessoas foram afetadas pela escassez de alimentos em 2001, 2002, 2003 e 2004 respectivamente.”

Meserete Kristos Church



Layton Thompson/Tearfund

“Os principais desafios que provavelmente serão enfrentados pelas populações africanas serão em virtude do aumento na frequência e na intensidade dos eventos extremos, tais como as inundações e as secas, bem como da ocorrência de eventos em novas áreas.”
CQNUMC⁶

O impacto da mudança do tempo

A África depende da sua agricultura. Porém, está sob a ameaça da instabilidade e da intensidade do tempo, as quais estão atingindo novos níveis. O desmatamento e a conseqüente erosão do solo aumentam ainda mais o problema para os pequenos agricultores.

Os rios estão secando. O lençol de água está baixando, resultando no esvaziamento dos poços, o que significa que as pessoas têm de ir mais longe para encontrar água. É necessário cavar poços mais profundos. Está ficando mais difícil encontrar água.

Devido à ausência de água, as pessoas não conseguem cultivar as plantas de que precisam para sobreviver. Elas estão vendendo gado para tentar pagar suas despesas básicas e, assim, estão perdendo a sua segurança.

▶ O que está acontecendo hoje no Malauí:

“As pessoas foram afetadas pelo abastecimento de água. Como há poucos poços, as pessoas acotovelam-se para serem as primeiras a pegar a água. As pessoas estão lutando pela água, e outras estão morrendo porque vão até o rio e são pegas por crocodilos.”

Reverendo Mvula Mvula, River of Life

◀ E em 2005:

“As chuvas estão se tornando mais inconstantes e estão diminuindo a cada ano. Os riachos e os rios, que são a fonte de água potável, estão secando. Muitas áreas rurais não possuem água adequada.”

Reverendo Mvula Mvula, River of Life

⁵ Climate change 2007: impacts, adaptation and vulnerability. Contribuição do Grupo de Trabalho II para o Quarto Relatório de Avaliação do IPCC. Sumário para Formuladores de Políticas e Sumário Técnico

⁶ CQNUMC (2007) Climate change: impacts, vulnerabilities and adaptation in developing countries. <http://unfccc.int/resource/docs/publications/impacts.pdf>



Layton Thompson/Tearfund

Vivendo com a mudança do tempo

“As pessoas que vivem aqui há muito tempo dizem que estão vivendo num mundo diferente,” diz Victor Mughogho, do parceiro da Tearfund Eagles, no Malauí.

Este sentimento repete-se por toda a África. As comunidades estão preocupadas com as mudanças que estão enfrentando e, em alguns casos, não sabem o que fazer para se adaptarem. Muitas vezes, a primeira resposta é ir embora do povoado.

As crianças sofrem cada vez mais de subnutrição e, conseqüentemente, não vão à escola. Isto coloca o futuro de uma geração em risco.

Segundo relatos, o crime está aumentando, uma vez que as pessoas estão lutando pelos recursos escassos.

Porém, algumas mudanças positivas também estão sendo feitas. O cultivo de milho resistente às secas, culturas de maturação rápida, batatas e mandioca está ajudando as comunidades a se adaptarem. Outros estão criando camelos, galinhas e cabras, ao invés de vacas. Todos estes animais conseguem viver com menos água. E, em alguns lugares, a água da chuva está sendo captada.



Marcus Perkins/Tearfund

Então, o que está impedindo que as comunidades se adaptem totalmente? O problema claramente não é a falta de determinação para mudar, mas o custo da mudança. Também é necessária a educação para ajudar as comunidades locais a lidar com a sua nova realidade. Além disso, ainda é preciso dar a muitas outras comunidades os recursos adicionais e a capacidade de que precisam para que tenham uma chance de se adaptarem aos desafios atuais e futuros.

Enfrentando o futuro

A previsão é de que a situação na África piore, com temperaturas mais quentes, menos chuvas e mais inundações e secas. Além disso, a previsão é de que os níveis do mar continuem subindo, ameaçando as áreas baixas.

As comunidades dizem que se sentem frustradas e incertas sobre as mudanças climáticas que estão sofrendo. Há uma profunda falta de confiança quanto ao futuro. A mensagem que elas estão transmitindo é clara: podemos nos adaptar, mas precisamos de apoio. Como explica Richard Sulu, da Igreja Presbiteriana da África Central, no Malauí, *“Se elas puderem ter algo que lhes dê apoio, terão a capacidade para se adaptarem aos futuros desafios.”*



Eleanor Bental/Tearfund

Vozes da Ásia

Perspectivas asiáticas de Bangladesh, da Índia e do Nepal

“Há uma forte ligação entre a segurança alimentar e os padrões meteorológicos no Nepal. A agricultura representa 30 por cento da economia nacional e é o meio de sustento de 60 por cento da população. Pequenas alterações nos padrões meteorológicos, especialmente na precipitação, põem em risco os meios de sobrevivência de quase metade da população.”

Suresh Battarai, United Mission to Nepal

Mudança dos padrões meteorológicos

Cerca de 75 por cento dos maiores desastres naturais do mundo entre 1970 e 1997 ocorreram na Ásia e no Pacífico. Embora claramente nem todos estejam relacionados com o clima (como no Haiti e em Fukushima), muitos estão. As tempestades e os ciclones continuam aumentando tanto em número quanto em intensidade na região.

Por toda a Ásia, os parceiros da Tearfund informaram mudanças dramáticas nos padrões meteorológicos. As estações estão mudando. O inverno está ficando mais curto. *“Bangladesh é o país das seis estações, mas agora elas estão reduzidas a três,”* explica George Mithu Gomes, da Missão Nazarena de Bangladesh.

▶ O que está acontecendo hoje em Bangladesh:

“Não temos chuva suficiente e a tempo. A chuva chega tarde, e, nos últimos três anos, quase não choveu. Então, no ano passado, a chuva chegou mais tarde e causou uma inundação insuportável.”

Sunil Raphael Boiragi, Exército da Salvação

◀ E em 2005:

“A frequência das inundações está aumentando por causa da água que vem dos países vizinhos. Esta água traz muito lodo para os rios do país e causa a erosão das suas margens, o que não ocorria dez anos atrás.”

Exército da Salvação

O impacto da mudança do tempo

Os parceiros da Tearfund informaram problemas generalizados resultantes da mudança do tempo. O desmatamento

também está causando a erosão do solo, menor produção de frutas, alimentos e madeira e menos medicamentos. O gado está morrendo devido à falta de alimento e água, uma vez que a área que as pessoas podem cultivar está diminuindo dramaticamente.

Os rios estão secando, assim é mais difícil para as famílias obter água suficiente para si próprias e para as suas terras. As populações de peixes estão morrendo bem como os rebanhos dos pecuaristas.

Para as famílias, isto significa que elas têm de vender animais para tentar sobreviver. Porém, elas estão vendendo a preços baixos e, pouco a pouco, estão perdendo o seu meio de vida. Às vezes, isto pode forçar as pessoas a deixarem suas terras e irem para a cidade em busca de trabalho e alimento.

▶ O que está acontecendo hoje na Índia:

“A vida torna-se muito triste. O gado morre sem água. A situação piorou desde 2000, e não se prevê melhora alguma para o futuro próximo. Vi pessoas brigando por água várias vezes.”

T. K. Joy, Eficor

◀ E em 2005:

“Durante as inundações, a lama danifica todos os poços. As pessoas têm de ir longe, até um rio, para obter água – até mesmo para beber. Elas adoecem com diarreia.”

T. K. Joy, Eficor

Vivendo com a mudança do tempo

Por toda a região, as comunidades estão manifestando suas preocupações quanto à mudança climática. *“A água para a irrigação está diminuindo a cada ano. Como será a vida daqui a cinco anos?”* era uma das respostas típicas.

Entretanto, as comunidades já estão começando a se adaptar à mudança meteorológica que estão enfrentando. Em Bangladesh, algumas das adaptações são: criar hortas flutuantes, elevar as bordas dos lagos, colocar as casas sobre pedestais elevados para evitar o alagamento e criar hortas. Também estão sendo iniciados projetos de plantio de árvores.



Prabodh Malla/Tearfund

No Nepal, os agricultores estão cultivando os seus legumes em estufas de polietileno para protegê-los contra as oscilações extremas da temperatura e manter um ambiente relativamente constante. Os aquecedores solares de água e a eletricidade solar, de um modo geral, estão se tornando populares em Katmandu.

Enfrentando o futuro

As previsões científicas indicam que a Ásia continuará enfrentando cada vez mais mudanças ambientais nos próximos anos. Dezenas de milhões de pessoas que vivem em áreas costeiras continuam correndo o risco de inundações à medida que os níveis do mar sobem e a intensidade dos ciclones aumenta. A previsão é de que as secas aumentem nos meses de verão.⁷

Tudo isto significa que a produção agrícola pode cair em até 30 por cento na Ásia Central e Austral até a metade do século XXI, colocando milhões de pessoas sob risco de fome.⁸

Muitas comunidades dizem que se sentem confiantes quanto a enfrentar um futuro de mudanças e que acreditam que podem superar estes desafios. Contudo, elas também dizem que precisam de mais apoio, especialmente do governo local e nacional.

“Desde que os problemas da mudança climática começaram, as pessoas não conseguem viver em paz,” diz T. K. Joy, da parceira da Tearfund Eficor, na Índia. *“Elas se sentam juntas no meio da noite pensando sobre que rumo tomar no futuro.”*

“As pessoas não estão recebendo o treinamento adequado de organização ou governo algum. Se elas fossem treinadas por dois ou três anos, seria diferente.”

⁷ Climate change 2007: impacts, adaptation and vulnerability. Contribuição do Grupo de Trabalho II para o Quarto Relatório de Avaliação do IPCC. Sumário para Formuladores de Políticas e Sumário Técnico

⁸ Ibidem

Conclusão

Em 2005, informamos que a mudança climática estava acontecendo e que estava causando impacto nas comunidades pobres. Este relatório revela que a mudança climática continua causando um efeito cada vez mais dramático e prejudicial nas comunidades dos países em desenvolvimento. Precisamos agir já.

Então, o que deve ser feito?

Cortar as emissões rapidamente

A Tearfund acredita que cortar rápida e profundamente as emissões de carbono dos países ricos é vital para prevenir uma mudança climática catastrófica. Os países desenvolvidos podem e devem assumir a liderança.

E eles precisam prover financiamento e tecnologia para ajudar os países em desenvolvimento a encontrar maneiras de se desenvolverem de forma sustentável.

A Tearfund acredita que a melhor forma de fazer isto é através de um acordo internacional de mudança climática, juridicamente vinculativo e regido pela Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQNUMC). Porém, estes diálogos estão progredindo com excessiva lentidão para produzir a escala de mudança necessária para ajudar as pessoas mais vulneráveis. É necessária uma liderança nos níveis mais altos para passar por cima do auto-interesse nas políticas globais e forjar um futuro melhor para todos.

Os governos precisarão ter imaginação para assumir a liderança na construção de uma nova economia verde e sustentável, necessária para todas as pessoas do mundo – especialmente para os seus membros mais pobres. E precisarão ser inovadores ao buscarem novas fontes de financiamento para dar aos países em desenvolvimento o apoio adicional de que eles precisam sem sacrificar as promessas de ajuda humanitária existentes – as quais já são vitalmente importantes mesmo antes de se levar em consideração a mudança climática.

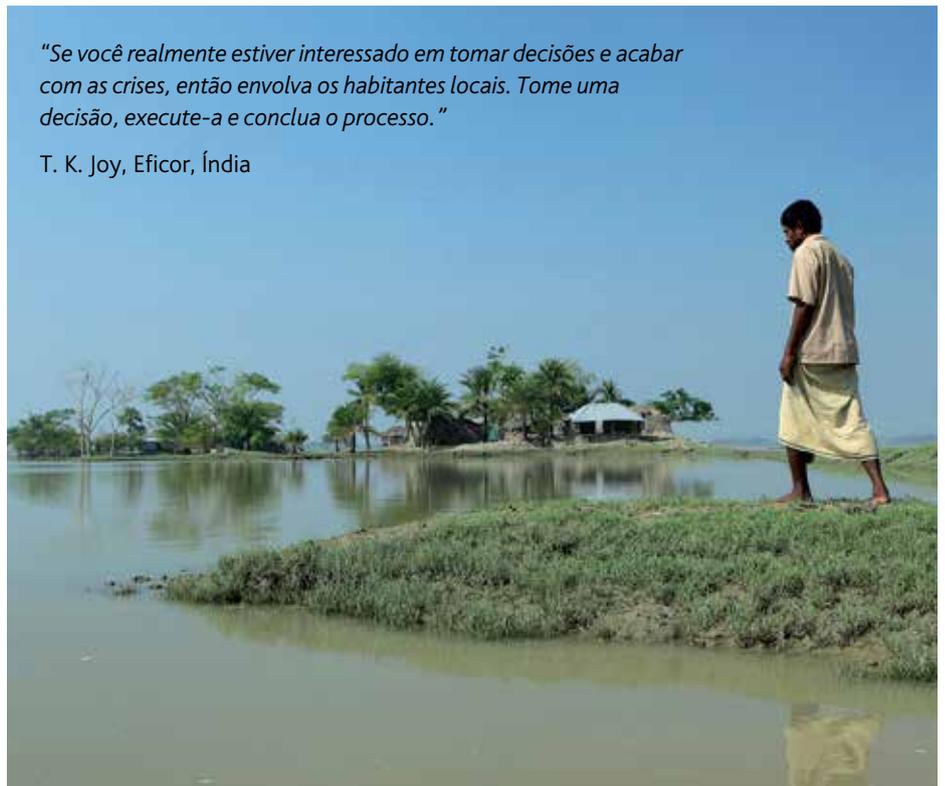
Os parceiros da Tearfund concordam que as comunidades locais dos países em desenvolvimento precisam de recursos e verbas para fazer mudanças, as quais freqüentemente são significativas e caras. Os habitantes locais devem ser envolvidos na formulação de políticas viáveis para ajudá-los a se adaptarem e planejar para um futuro mais incerto. Devem ser fornecidas informações precisas sobre a mudança climática às comunidades locais para ajudá-las a tomar decisões informadas sobre como se adaptarem.

Finalmente, é necessário que haja uma mudança de paradigma. Devemos todos:

- Refletir sobre como os estilos de vida, a indústria e os meios de vida do mundo desenvolvido estão afetando o resto do planeta
- Combater os valores do consumismo, que destroem o meio ambiente
- Considerar o poder não como algo para o enriquecimento material pessoal, mas para servir aos outros
- Encarar a verdade: a mudança climática já está ocorrendo. Isto é urgente.

“Se você realmente estiver interessado em tomar decisões e acabar com as crises, então envolva os habitantes locais. Tome uma decisão, execute-a e conclua o processo.”

T. K. Joy, Eficor, Índia



Peter Caton/Tearfund

tearfund

www.tearfund.org

100 Church Road, Teddington TW11 8QE

Challenge House, 29 Canal Street, Glasgow G4 0AD

Tŷ Catherine, Capel Cildwrn, Llangefnï, Ynys Môn LL77 7NN

Rose House, 2 Derryvolgie Avenue, Belfast BT9 6FL

enquiries@tearfund.org 0845 355 8355

Instituição Beneficente N° 265464 (Inglaterra e País de Gales)

Instituição Beneficente N° SC037624 (Escócia)